

Roteiro Faraó - Histórico:

Por Carolina Farias - historiadora e professora (UFF)

A História Agrícola do Faraó

O roteiro Caminhos do Faraó engloba as localidades de Pedreira, Bom Jardim do Faraó, Faraó de Baixo e Faraó de Cima. Por causa da proximidade, a história dessas regiões está interligada, tanto que os dois últimos bairros são comumente referidos apenas como Faraó. No que diz respeito à sua história, o desenvolvimento da localidade do Faraó foi marcado pela forte atividade agrícola, que ainda hoje permanece como um aspecto importante da região.

Nas últimas décadas do século passado, mudanças sociais e econômicas começaram a ser notadas no Faraó. Essas questões interferiram nos usos da terra, e foi a partir da década de 1980 que elas começaram a se acentuar. Os filhos dos produtores rurais passaram a deixar o local com frequência, diminuindo a mão de obra disponível para as atividades agrícolas. Esse fator se somou ao envelhecimento de seus pais, que não conseguiam mais trabalhar satisfatoriamente, e lhes faltavam condições financeiras necessárias para contratar mais pessoal. Tudo isso foi dificultando cada vez mais o trabalho no campo.

Assim, a soma desses problemas fez com que a produção de banana conquistasse mais lugar nas plantações do Faraó a partir da década de 1990, pois era um cultivo que não necessitava de cuidados tão intensos quanto os outros feitos anteriormente. Entretanto, a localidade de Bom Jardim do Faraó continuou a exercer atividades agrícolas de ciclos curtos, e introduziu ainda a cultura de coco, cítricos e olerícolas.

Há ainda ocorrências de que no Faraó tiveram plantações de outros gêneros em algum momento no passado, como por exemplo, o café. Também há registros de que, por volta da década de 1980, a maior parte dos responsáveis pelo processo de plantio e comercialização dos produtos eram meeiros. Os donos das propriedades frequentavam o local apenas aos finais de semana e feriados para lazer.

Mesmo assim, diante disso tudo, pode-se dizer que o Faraó já foi uma área mais agrícola no passado. As lavouras de aipim, inhame e milho ocupavam espaços maiores. Até mesmo a banana tinha um espaço maior para seu cultivo. A diversidade dos cultivos também era maior, e o aipim era transformado em farinha ali mesmo. Inclusive, hoje em dia, ainda é

possível encontrar no Faraó um antigo engenho de farinha, que é um ponto de visitação que contribui para a lembrança desse passado.

Em meio a essa história local vinculada às produções agrícolas, está presente a ALAF, Associação de Lavradores e Amigos do Faraó. Ela foi fundada na década de 1980 por moradores do Faraó, num contexto em que eram reivindicadas melhores condições relacionadas à infraestrutura do local. A formação dessa organização foi fruto de um outro movimento, a Comissão Pastoral da Terra, CPT, que por sua vez vinha ocorrendo desde a década de 1960. Atualmente, o principal produto comercial da Associação de Lavradores e Amigos do Faraó, que chega a corresponder a 80% dos cultivos na região, é a banana. Em menor escala, encontram-se outros cultivos temporários de aipim e inhame.

Em meados dos anos 1980, a comunidade do Faraó, através da ALAF, foi favorecida com políticas direcionadas às populações rurais, lançadas pela Secretaria de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro. Os lavradores foram contemplados com um espaço para comercialização na Central de Abastecimento do Rio de Janeiro, o Ceasa, voltado para pequenos produtores. Além disso, com essa iniciativa, os agricultores puderam ter acesso também a outros benefícios. Hoje em dia, a venda dos produtos no Ceasa, principalmente da banana, continua como o principal objetivo da associação. Outras atuações em prol de melhorias para a comunidade também são constantemente realizadas pela ALAF.

Com isso, cabe destacar que, atualmente, Cachoeiras de Macacu se tornou um dos maiores produtores de banana do Estado do Rio de Janeiro, e a localidade do Faraó é uma das principais fornecedoras do produto. Assim, a produção de banana é a produção agrícola que mais se destaca na região. A plantação de bananeiras já é tradicional e é a principal atividade na comunidade.

A maior parte das plantações de banana está situada em terras que recebem o cultivo há mais de 50 anos e possuem uma técnica de plantio tradicional. Essa técnica não envolve o uso de adubos nem de fertilizantes, quase não são utilizados aparatos tecnológicos, a mão de obra é familiar e escassa. Assim, é um plantio feito a partir de recursos restritos, quase extrativista. Entretanto, essa forma de agricultura é amigável ao meio ambiente, acontecendo algumas vezes em sistemas de agroflorestas, preservando as áreas de encosta e de relevos acidentados.

Esse plantio ocorre principalmente nos terrenos de encostas que ficam dentro da zona de amortecimento do Parque Estadual dos Três Picos, uma vez que a área do PETP também cobre um pequeno pedaço dos bairros Faraó de Cima e Faraó de Baixo. Com isso, os produtores vêm realizando adaptações para que as plantações não interfiram nas questões ambientais presentes, contribuindo assim, para não afetar as áreas de matas preservadas.

Todavia, por causa de mudanças sociais e econômicas da localidade, e em virtude da legislação ambiental, a área vem se tornando cada vez mais florestada em comparação com o que era anteriormente. A presença do Parque Estadual dos Três Picos também contribuiu muito para isso.

Essas mudanças resultaram com que áreas antes desmatadas fossem reocupadas com a mata novamente. Contudo, nos dias de hoje, os produtores estão buscando aumentar suas plantações, mas, dessa vez utilizando meios de produção sustentáveis e buscando soluções amigáveis com a Mata Atlântica local, para que não a prejudiquem.

Os rios que cortam a região e que contribuem para manter essa produção agrícola ativa são os rios Batatal de Baixo, Bata, Xixá e Maratuã. O rio Batatal também é conhecido como rio Faraó, o que daria nome à localidade. Os rios são atrativos naturais procurados por turistas por causa de suas cachoeiras e poços de banho, o que fomenta o turismo da região, movimentando as buscas pelas pousadas. Por conta desses rios, dentre outros fatores, nas áreas de baixada, os sítios, que antes eram utilizados com plantações, vêm se transformando em casas de veraneio, e depois, em residências.

Com esse aspecto agrícola marcante, em 2010, o Faraó, representado pela ALAF, foi caracterizado como uma das áreas estratégicas de Cachoeiras de Macacu para o projeto Rio Rural, que visa o desenvolvimento rural sustentável. A iniciativa foi aprovada pelo Banco Mundial, financiada pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro e pelo Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento, o BIRD, que apoia empreendimentos locais.

Recentemente, a localidade do Faraó sofreu interferências com a construção do Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro, o COMPERJ. Com a paralisação das obras em 2015, alguns empreendimentos do Faraó, criados pela demanda que os trabalhadores do COMPERJ solicitavam, foram prejudicados. Muitos moradores que trabalhavam no Complexo ficaram desempregados. Essa situação também foi vivenciada da mesma forma pelas outras regiões próximas, que também tiveram suas respectivas economias afetadas.

Outro ponto que merece atenção é uma família tradicional da região que faz parte de sua história, os Hervanos. Eles habitam, mais especificamente, as localidades de Serra Suja e Bom Jardim do Faraó. Sua singularidade reside no fato de viverem isolados da população e produzirem sozinhos seus itens de primeira necessidade. Eles são identificados por possuírem um biotipo diferente, uma vez que, frequentemente, acontecem casamentos consanguíneos. Além disso, se expressam e se comunicam de uma forma particular, possuindo um dialeto próprio, causado pela questão do isolamento, que por sua vez, acontece pela geografia do

local, de difícil acesso. São conhecidos também pelo seu talento, demonstrado na confecção de produtos artesanais, como por exemplo cestas, utilizadas para piqueniques.

Mais uma história que deve ser lembrada é que a região do roteiro, mais especificamente no bairro Pedreira, situado entre a sede e a porção mais agrícola do Faraó, possui como via principal a Estrada Dona Leopoldina. A Estrada recebeu esse nome por ser o local por onde passava a Estrada de Ferro de mesmo nome. Apesar de ter poucas residências atualmente, a Pedreira é a única localidade do roteiro Caminhos do Faraó que teve a presença da ferrovia que foi marcante e decisiva na história de Cachoeiras de Macacu. Os trilhos seguiam as margens do Rio Macacu, e assim continuaram seu caminho, sem chegar a ir às regiões de Faraó, que ficam mais distantes.

Como marcos históricos, além do antigo engenho de farinha, encontram-se na área abrangida pelo roteiro três capelas. Uma está situada no Faraó de Cima, outra no Faraó de Baixo e outra em Bom Jardim do Faraó. A primeira, a Capela do Sagrado Coração de Jesus, foi, no passado, pertencente a uma fazenda, e possui uma arquitetura característica do início do século XX. Enquanto isso, a segunda, a Capela de Nossa Senhora das Graças, possui traços característicos da década de 1970. A terceira recebe o nome de Capela de Nossa Senhora Aparecida. Por fim, o município de Cachoeiras de Macacu define também o Coreto da Praça do Faraó de Baixo como patrimônio histórico e cultural, uma vez que é local de ponto de encontro dos moradores da região.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Bruno Milan Carneiro de; BINSZTOK, Jacob. Comunidade do Faraó: Práticas Camponesas na Área de Influência do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ). Espaço e Economia: Revista brasileira de geografia econômica, n. 14, 2019. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/5353>>. Acesso em: 30 set. 2022.

ASSIS, João Ricardo *et al.* PROJETO PONTO DE LEITURA HERVANOS. ResearchGate, p. 1-4, 23 mar. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/235329027_PROJETO_PONTO_DE_LEITURA_HERVANOS>. Acesso em: 30 set. 2022.

CARNEIRO, Maria José Teixeira et al. Histórico do processo de ocupação das bacias hidrográficas dos rios Guapi-Macacu e Caceribu. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2012. 48 p. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/109014/1/DOC-152-Historico-Ocupacao-Guapi-2.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2022.

INEA, Instituto Estadual do Ambiente. Parque Estadual dos Três Picos: plano de manejo /resumo executivo/. Rio de Janeiro: INEA, 2013. 102 p. Disponível em: <<http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/zwew/mdiw/~edisp/inea0020172.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2022.

MACHADO, Felipe da Silva. Agricultura e reestruturação espacial na interface rural-urbana: o exemplo do município de Cachoeiras de Macacu (RJ). Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. 114 p. Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/16/teses/795988.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2022.

MASTERPLAN, Consultoria de Projetos e Meio Ambiente. Coleta de dados e análise sobre a unidade de conservação (versão preliminar). In: PLANO de Manejo do Monumento Natural Municipal da Pedra do Colégio, 2013. Módulo 3. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/29500891-Plano-de-manejo-do-monumento-natural-municipal-da-pedra-do-colegio.html>>. Acesso em: 30 set. 2022.

SPELTZ, Alexandre. Planta geral das estradas de ferro das províncias de Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes: organizada pelo engenheiro Alexandre Speltz. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1885. 1 mapa: color.; 33,00x66,00 cm, em folha de 41,30x72,00 cm. Escala 1:200000. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <<https://purl.pt/3486>>. Acesso em: 30 set. 2022.

História Oral: Depoimento do Sr. Orlando, antigo morador da região do Faraó. Coletado em 13/10/2022.

História Oral

Sr. Orlando - Faraó:

As histórias da origem do bairro são contadas segundo a tradição de história oral de moradores antigos da região. De acordo com estes, o nome do bairro Faraó veio devido a um cachorro raivoso que um morador do local possuía, que se chamava Faraó. Ele teria dado nome ao bairro, e essa seria a história de justificativa conhecida pela maioria dos moradores locais.

No que diz respeito à pracinha do pequeno centro comercial do bairro, ela se tornou ponto de encontro dos moradores, e recebeu o nome de praça Nicolau Silva. Esta nomeação teria sido homenagem a um lavrador que inicialmente possuía um único sítio na região, e em seguida teria seguido comprando outros sítios vizinhos. Em meio a esse grande terreno adquirido, Nicolau teria construído a pracinha.

Nicolau Silva, fazendeiro que dá nome a praça, também teria construído engenhos de farinha e moinhos para fazer fubá. Até hoje podemos encontrar no local um dos exemplares desse engenho na fazenda Antigo Engenho Velho, ainda em funcionamento. Os moinhos, infelizmente, já foram destruídos.

Segundo relatos, se Nicolau Silva ainda estivesse vivo, teria por volta de 100 anos de idade. Em vida, doou parte das terras de seu sítio para a construção de igrejas, escolas, posto de saúde, campo de futebol e até mesmo havia a intenção de ser construído um cemitério no local, que não chegou a ter o projeto elaborado fora do papel.

A população local, nessa época, segundo a história oral, era formada por famílias e colonos das fazendas. Todos que pagavam seus arrendamentos, tinham o direito de trabalhar nas terras. Contudo, os arrendamentos eram sempre pagos, não havendo moradia de graça. A energia elétrica, por sua vez, demorou a chegar no local. Antes disso, a geladeira era utilizada movida a base de combustível de querosene ou a gás, e a luz era provida por meio de lamparinas e lanternas. Quando a eletricidade chegou na região foi uma alegria e alívio para todos os moradores do local.

Texto escrito a partir do relato do Sr. Orlando, antigo morador da região do Faraó.
Depoimento coletado em 13/10/2022.

Rio inicia despoluição rural

■ Governo lança plano ambiental que divide estado em microbacias hidrográficas

Mais de 570 famílias de agricultores do estado do Rio, abastecidas por água de rios contaminados por esgotos e agrotóxicos, serão beneficiadas por um programa que já deu certo no Paraná e em São Paulo: o planejamento ambiental por bacias hidrográficas, que permite um controle integrado de problemas comuns a várias comunidades. A secretaria estadual de Agricultura, Abastecimento e Pesca assinou ontem a liberação inicial de Cr\$ 1,5 bilhão para projetos que serão administrados em conjunto com as comunidades de três microbacias: da Saudade, em Nova Iguaçu, de Ribeirão dos Lúcius, em Teresópolis e do Faraó, em Cachoeiras de Macacu.

"O gerenciamento por microbacias permite uma escala maior de intervenção e planejamento", explicou o secretário de Agricultura, Tito Ryff aos líderes das três comunidades e aos presidentes de quatro entidades rurais vinculadas à secretaria, que participaram da elaboração do programa. O objetivo geral é a melhoria da qualidade das águas, a recuperação dos solos, o controle do uso de agrotóxicos e o reflorestamento de encostas.

Entre as metas do programa, que incluirá drenagens e proteção de nascentes, está a reabilitação de 3.183 hectares para a exploração agropecuária, beneficiando 576 famílias. Em Nova Iguaçu, por exemplo, a dragagem de um sub-afluente do rio Guandu deve liberar para o plantio 570 hectares de terra hoje alagada, segundo Marcelo Reiff Mortani, assessor do secretário Tito Ryff. "Isto elevará em US\$ 1,4 milhão a produção agrícola anual da região", assegura Mortani.

Água poluída — A elevação das condições sócio-econômicas na área rural faz parte do plano de recuperação ambiental. Segundo o secretário Tito Ryff, a canalização

de água para o abastecimento nas três regiões praticamente não existe, o que se agrava com a eventual inexistência até mesmo de filtros domésticos. Na microbacia de Ribeirão dos Lúcius (Teresópolis), o uso intensivo de agrotóxicos — carregados pelas chuvas para o rio Ribeirão das Lages — agrava o problema, apesar da existência de um cemitério de embalagens, que evita que elas sejam atiradas com resíduos nos cursos d'água ou que fiquem abandonadas na lavoura.

O representante da Associação de Lavradores e Amigos do Faraó (Cachoeiras de Macacu) elogiou a abrangência do projeto. "O produtor rural já sabe que o ganho pelo ganho (dos financiamentos isolados) não é vantajoso, porque em cinco anos o solo está esaurido e a nascente está seca", explicou.

O plano diretor de cada microbacia, que estabelece a linha de ação do projeto, estará pronto em meados do ano que vem. O programa deve se estender a mais 12 microbacias em 93, dando início a uma política para todo o estado. O Rio de Janeiro possui 123 bacias, cuja gestão é avaliada por Tito Ryff em US\$ 54 milhões, o que ultrapassa a capacidade da secretaria.

□ O ministério do Meio Ambiente da França vai ajudar o governo mineiro a partir de março do ano que vem a despoluir três das sete principais bacias hidrográficas do estado: das Velhas, na região metropolitana de Belo Horizonte; Piracicaba, no Vale do Aço e Paraíba do Sul, na Zona da Mata. Neste último caso, participarão também os governos do Rio e São Paulo. O governo francês, através das suas agências de bacias, investirá US\$ 1,2 milhão. A contra-partida de Minas será de US\$ 6 milhões.



O trajeto do plutônio

TÓQUIO — O navio *Akatsuki Maru*, carregado com 1,7 tonelada de plutônio reciclado na França, deverá retornar ao Japão pela rota do Cabo de Hornos, no Chile, ou do Canal do Panamá, segundo revelou o jornal *Japan Times*, citando fontes do ministério de Ciência e Tecnologia. No primeiro caso, o navio passaria forçosamente ao longo do litoral brasileiro. Foi a primeira vez que fontes oficiais deram indicações da rota do navio, descartando também sua passagem pelo Cabo da Boa Esperança, na África do Sul, e pela Austrália.

O ministro-conselheiro da embaixada panamenha em Tóquio, Benjamin Orejuela, afirmou que a eventual passagem pelo canal depende dos Estados Unidos (que controlam militarmente a área), embora o governo do Panamá já tenha expressado sua preocupação face essa possibilidade. Formalmente, porém, continua secreto o trajeto do *Akatsuki Maru*, após deixar o

porto francês de Cherburgo, onde está ancorado para ser abastecido com a carga radioativa.

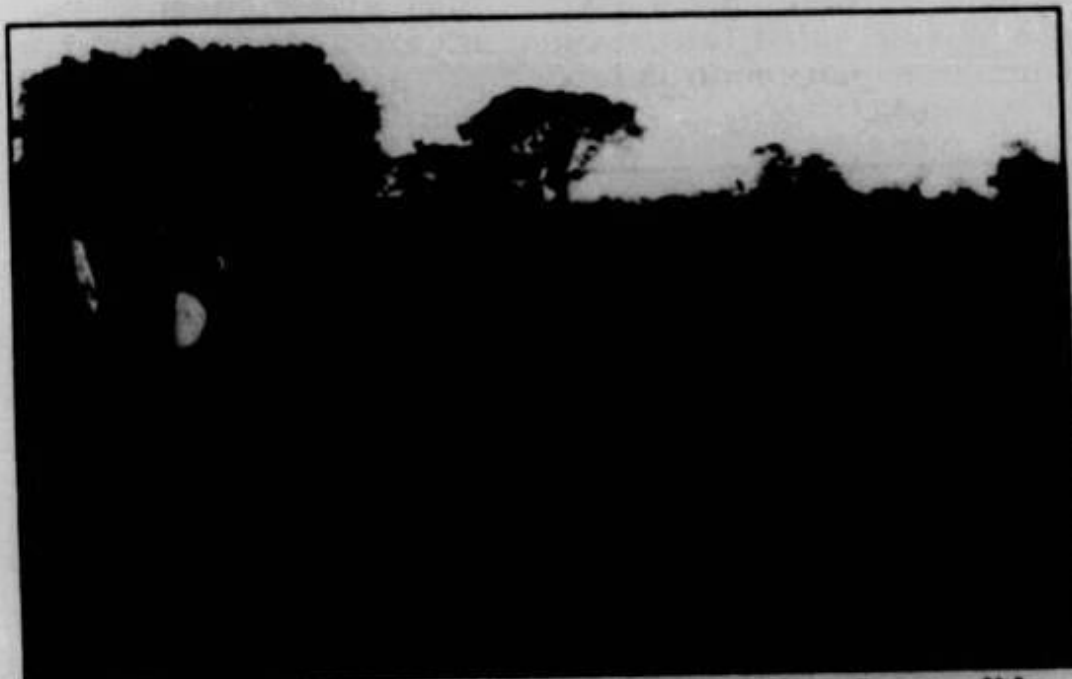
Por outro lado, o embaixador chileno na capital japonesa, Eduardo Rodriguez, desmentiu que seu governo tenha negociado com o Japão compensações para o meio ambiente no Chile, em troca de uma eventual passagem do *Akatsuki Maru* pelo Cabo de Hornos.

□ Em Paris, o ministro das Relações Exteriores Roland Dumas anunciou que a França poderá suspender os testes com armas nucleares no Pacífico Sul, em consequência da atitude positiva dos Estados Unidos e da Rússia. "Suspendemos nosso programa de testes nucleares este ano. Os americanos e os russos nos seguiram e adotaram a moratória de seus testes até julho. Isso é uma coisa muito boa e estamos pensando a possibilidade de estendê-la", declarou Dumas.

Jornal do Brasil, 5 de novembro de 1992. Fonte: Hemeroteca Digital

O Prefeito Rui Coelho presidiu a cerimônia, denominando Dr. Antônio José Maria Monnerat Netto a Estrada do Faraó, em Cachoeiras de Macacu.

O Fluminense, 29 de agosto de 1985. Fonte: Hemeroteca Digital



Na primeira etapa, mais de 500 famílias rurais serão atendidas

Convênio beneficia comunidades

Mais de 500 famílias que vivem nas microbacias de Lúcius, em Teresópolis, da Saudade, em Nova Iguaçu, e do Faraó, em Cachoeiras de Macacu, serão beneficiadas com obras de melhorias, deslanchadas pela Secretaria Estadual de Agricultura, Abastecimento e Pesca. Ontem, o titular das pasta, Tito Riff, assinou convênio com representantes da comunidades e empresas vinculadas como a Pesagro e a Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural).

As obras estão orçadas em Cr\$ 1 bilhão e 545 milhões e fazem parte do Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas, que até 1997 de-

verá atender 126 comunidades agrícolas do interior do Estado. Os projetos prevêem a abertura e conservação de estradas vicinais, eletrificação rural, irrigação e drenagem de rios, entre outros serviços. O programa prevê ainda a construção de "cemitérios de agrotóxicos" nas comunidades, onde serão colocados as embalagens vazias de produtos químicos, utilizados nas lavouras.

Para o próximo ano, estão programadas melhorias em mais 40 microbacias, atendendo 2.560 produtores rurais numa área total de 15.075 ha. Até 1997, a Secretaria espera atingir 50.400 ha, beneficiando diretamente 14.120 agricultores.(CE)

Nacional

O Nacional manteve uma série de 10 partidas invicto ao derrotar o Faraó, em Cachoeiras de Macacu por 1 a 0, gol marcado no segundo tempo por intermédio de Cabo. O Nacional formou assim: Niquinho, Claudiney, Paulo, Amaral e Orlando, Cid, Mizinho e Jorge; Rubenil (Dudu), Juca e Cabo. Na preliminar, o time de juniores do Nacional goleou por 7 a 0, gols de Niquinho (3), Jorge (2), Lilinho e Robertinho. O time do Nacional jogou com: Jorge, Ney, Bodão, Jorge e Júlio (Herval), Carlos, Augusto e Helinho (Préa), Robertinho (Niquinho), Néilson e Lilinho.

O Fluminense, 26 de março de 1986. Fonte: Hemeroteca Digital

vel «ad-nutum».	
PROJETOS APROVADOS	
Em última discussão, foram aprovados projetos abrindo o crédito de 300 mil cruzeiros para ocorrer a despesas com o «Curso Intensivo de Formação de Regentes de Escolas Primárias Rurais de Cantagalo», e concedendo isenção do imposto de transmissão na compra de imóveis ao «Clube dos Caçadores» de Nova Iguaçu, «Esporte Clube», de Miracema, e à «Federação das Associações Rurais».	Ju ni de gu fé av di pt ju co di
Mereceu aprovação do plenário, ainda, projeto denominado «Professor Carlos Brandão» a escola pública de Faraó, em Cachoeiras de Macacú.	ra pr ar U de
APROVADO O PARECER	
Foi aprovado o parecer da Comissão de Inquérito para investigar o aumen-	

Diário de Notícias, 1 de dezembro de 1953. Fonte: Hemeroteca Digital

Registros no Arquivo Nacional

Fundo: Comissão Nacional da Verdade

Relatório da comissionada Maria Rita Kehl sobre as graves violações de direitos humanos contra camponeses. O Relatório serve de base documental para o capítulo homônimo do segundo tomo do relatório da CNV. Este documento foi encaminhado para registro pelo pesquisador Orlando Fernandes Calheiros Costa. 18/11/2014.

Graves violações de direitos humanos contra Camponeses: Histórico dos eventos importantes na luta pelo direito a terra e levantamento da participação do Estado na repressão.

9.a - Mortos e desaparecidos em Cachoeiras do Macacu

8 - Alcides Gonçalves. Ano de 1980. Rio de Janeiro.

Pequeno proprietário, morador de Faraó, município de Cachoeiras de Macacu.

a) Condições da morte: morto por jagunços, após discussão sobre questão de terras, em sua residência, em Faraó, município de Cachoeiras de Macacu, em dezembro de 1980.

b) Autoria: jagunços (executores).

c) Providências jurídicas: não se tem notícia.

Fonte: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Assassinatos no campo: crime e impunidade, 1964-1986. 2. ed. São Paulo: Global, 1987. p. 221-222

10 - Valci Graça. Ano de 1980. Rio de Janeiro.

Trabalhador rural, morador de Faraó, município de Cachoeiras de Macacu.

a) Condições da morte: a única informação que consta na bibliografia é que foi assassinado em dezembro.

b) Autoria: não se tem notícia.

c) Providências jurídicas: não se tem notícia.

Fonte: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Assassinatos no campo: crime e impunidade, 1964-1986. 2. ed. São Paulo: Global, 1987. p. 222.

18 - Juvenal do Espírito Santo. Ano de 1982. Rio de Janeiro.

Trabalhador rural da localidade de Faraó, município de Cachoeiras de Macacu.

a) Condições da morte: foi morto em uma disputa entre herdeiros pela propriedade da terra em 6 de fevereiro.

b) Autoria: não se tem notícia.

c) Providências jurídicas: não se tem notícia.

Fonte: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Assassinatos no campo: crime e impunidade, 1964-1986. 2. ed. São Paulo: Global, 1987. p. 276.

Fonte:

http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_rjanrio_cnv/0/vdh/00092003207201468/br_rjanrio_cnv_0_vdh_00092003207201468_d0001de0001.pdf